

Considerações finais

Partimos, nesse estudo de “O tempo lógico...”, do sujeito descrito por Freud: longe de encontrar, nos poderes da consciência, a garantia e o conteúdo de sua própria identidade, ele está atravessado e ultrapassado tanto pelo investimento libidinal, quanto por suas identificações. Nelas, enxergou-se não a tentativa de remediar socialmente uma falta original e individual, mas uma condição indispensável para a constituição do eu.

Divididas por Lacan em dois grandes registros – o *imaginário* e o *simbólico* -, as identificações impõem ao ser o trabalho subjetivo de costurar, sempre precariamente, uma relação entre sua singularidade inominável e tudo aquilo que pode ser compartilhado, inclusive consigo mesmo.

“O tempo lógico...” foi, assim, uma grande lição sobre esse trabalho de costura, posto que aproximá-lo exageradamente da intencionalidade consciente fecharia a brecha que causou essa investigação: a passagem para o campo Outro daquilo que, a princípio, faz objeção a ele, e que representa o que há de mais singular em um sujeito.

No cruzamento entre os registros, contudo, algo parece sempre irremediavelmente perdido, e a realidade que se constitui parece exigir de cada um que se atenha e que enxergue somente o que pode ser denominado, representado, trocado.

Há, por outro lado, uma função social fundamental na experiência subjetiva da falta, da insuficiência e do vazio. As formações coletivas são, em grande parte, fundadas sobre esse tipo de vivência: “Já encontraram, vocês, seres totais?”, pergunta Lacan, “eu nunca vi nenhum. Eu não sou total, não. Nem vocês. Se fôssemos totais, estaríamos cada um em nosso canto, totais, não estaríamos juntos aqui”.¹

¹ LACAN, J. **O Seminário: livro 2**. Rio de Janeiro: JZE, 1985, p.307.

“O tempo lógico...”, contudo, apontou para um mais-além e as releituras empreendidas pelo próprio Lacan permitiram que se articulasse, à falta, um excesso usualmente oculto. A relação entre eles - mostrou-nos a teoria lacaniana da angústia - é muito menos distante do que se tende a imaginar, pois suas marcações significantes têm algo em comum. Ali, onde um sujeito se esforça para encontrar o preenchimento de seu vazio pode sempre irromper algo tão íntimo que não encontra um bom lugar.

Nas formações coletivas, a articulação entre a falta e o excesso não deixa de aparecer. Em contraposição aos grupos artificiais descritos por Freud – cuja marca fundamental é a estabilidade dos laços e a profunda homogeneidade horizontal –, Lacan ressalta que “o desejo, o tédio, a reclusão, a revolta, a prece, a vigília, o pânico, enfim, estão todos aí para nos atestar a dimensão desse Alhures (...) como princípios permanentes das organizações coletivas, fora das quais a vida humana não parece poder se manter por muito tempo”.²

Do tempo lógico, entretanto, não se extraiu nem o elogio da falta, nem o do *pathos*, e dado que, entre o vazio e o impossível, tampouco parece existir uma solução de compromisso, um meio termo ou uma boa medida, buscou-se na própria experiência da angústia as possibilidades para o seu atravessamento. Para nos atermos à letra de “O tempo lógico...”, digamos que nossa balsa nesse percurso foi “a asserção subjetiva antecipatória como forma fundamental de uma lógica coletiva”. Longe de ser evidente ou unívoca, a expressão mostrou-se volúvel e suscetível das mais diversas declinações. Constante, contudo, era seu paradoxo interno: o mesmo ato através do qual o sujeito “se isola da relação de reciprocidade”³ funda uma lógica coletiva.

Foi no sofisma dos três prisioneiros que encontramos a orientação em meio ao paradoxo, mas se aproximar do cerne lógico do sofisma é ao mesmo tempo renunciar a fazer de seu enredo uma espécie de matriz metafórica do mundo. Salta aos olhos, aliás, que, nesse último viés, o tempo lógico é deveras inútil: sua historieta inverossímil e sua montagem artificial - com seus prisioneiros de “pura lógica” e seu balé perfeitamente sincronizado -, dificilmente encontrariam serventia enquanto analogia, seja da realidade, seja da teoria, seja da clínica. Sua força está guardada naquilo que toda essa artificialidade deixa

² LACAN, J. *Escritos*. Rio de Janeiro: JZE, 1998, p.554.

entrever e que talvez não fosse tão precisamente isolável em meio à balbúrdia imaginária da realidade: os momentos fundamentais em que a falta se transforma em excesso, em que a ausência se transforma em presença, o laço em horror, e em que o universal pode, eventualmente, transformar-se em singular.

São momentos lógicos, não cronológicos, em que, num átimo, em vez de encadear indefinidamente significantes e objetos, o sujeito é instado pelo Outro a precipitar o inefável de sua singularidade nos nomes da cultura e nas imagens da realidade.

Afastados da intencionalidade, esses atos são, por um lado, propulsionados pela desvelada dimensão objetual do sujeito – a qual não se entrevê sem sentir o perigo da despersonalização, posto que o objeto em questão é justamente aquele que resistiu aos representáveis e à montagem egóica. Por outro, são aptos a transmitir ao Outro justamente aquilo que, intransmissível, se torna insuportável. Disso resulta que a inserção no simbólico e no laço com os outros de uma verdade assim produzida somente pode aparecer para o sujeito sob um efeito de surpresa e não como o sucesso de uma empreitada bem calculada.

Nesse ponto, é perfeitamente legítimo que se profira o gigantesco questionamento sobre a transformação desses momentos lógicos em uma ética e em uma prática clínicas. De bom grado, faremos coro, assim como fazemos dessa pergunta a causa que move a nossa investigação. Limitamo-nos a vislumbrar a possibilidade de uma lógica coletiva menos inimiga do desencaixe interno aos sujeitos e dos objetos *a* que causam o seu desejo: para nós, de “O tempo lógico”, fica essa marca,

marca de algo que vai da existência do *a* a sua passagem para a história: o que faz de uma psicanálise uma aventura singular é a busca do *ágalma* no campo do Outro.⁴

Chegamos, assim, a entrever um modo psicanalítico de contribuir para a constituição de uma coletividade radicalmente distinto de qualquer sociologia: exatamente por incorporar tudo o que é subjetivo sem ser intencional, desemboca-se numa formulação social à qual não se pode exortar, visto que suas condições escapam à serena deliberação de uma visão de mundo. Trata-se de uma lógica

³ *Ibid*, p.208.

coletiva preenhe da possibilidade de inscrição singular, de vencimento da perspectiva alienante, e que, no entanto, depende de um ato igualmente singular: nenhum logos a garante, nenhum sistema político a faz segura.

Por fim, depois de ter apresentado o amor, na pena de Lacan, como o véu narcísico e ilusório que encobre o objeto causa do desejo, não nos permitiríamos partir sem reencontrá-lo - o amor - por outras vias, mais afeitas às descobertas que “O tempo lógico...” nos trouxe. Sempre inventado e reinventado sob um fundo de impossibilidade, o amor brota do “encontro, no parceiro, dos sintomas, dos afetos, de tudo o que, em cada um, marca o traço de seu exílio, não como sujeito, mas como falante, de seu exílio da relação sexual”.⁵

⁴ LACAN, J. **O Seminário: livro 10**. Rio de Janeiro: JZE, 2005, p.366.

⁵ LACAN, J. **O Seminário: livro 20**. Rio de Janeiro: JZE, 1985, p.198.